

Literatura com o corpo todo: a tecnopolítica do afeto nas coletivas de poetisas periféricas

Literature with the whole body: the technopolitics of affection in peripheral poets' collectives

Claudiana Nogueira de Alencar¹

Universidade Estadual do Ceará

Fortaleza, Ceará

claudiana.alencar@uece.br

<https://orcid.org/0000-0002-2759-2750>

Emanoel Pedro Martins Gomes²

Universidade Estadual do Piauí

Teresina, Piauí

emanoelpedro@pcs.uespi.br

<https://orcid.org/0000-0003-0601-6743>

Recebido em: 26 de agosto de 2024

Aceito em: 29 de novembro de 2024

¹ Professora da Universidade Estadual do Ceará, Brasil, e do Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada. Pesquisadora do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – CNPq.

² Professor da Universidade Estadual do Piauí, Brasil. Líder do Grupo de Pesquisa Núcleo de Estudos Críticos do Discurso e a Teoria Ator-Rede (NECTAR).

Resumo

Este artigo discute o resgate da conjugação entre linguagem, corpo e comunidade na experiência literária e política de três coletivas de poetisas na periferia de Fortaleza (*BaRRosas*; *Pretarau: sarau das pretas*; e *Elaspoemas: escritas periféricas*). A partir de uma pesquisa-participante em Pragmática Cultural (Alencar, 2015), observamos, em sua produção literária comunitária, o revide e, ao mesmo tempo, a ressignificação de formas de vida pautadas pela reinauguração da palavra, pela possibilidade de “se pôr em coletivo”, ao facultar a palavra a corpos sociais marginalizados, violentados, silenciados. Partindo da categoria “poema-corpo-comunidade” (Cabnal, 2010) e da síntese criativa “mulher: poema-corpo-comunidade” do feminismo comunitário (Paredes, 2010), vimos, na experiência das coletivas, o antídoto para redescobrir o sentimento comum(itário) enquanto condição preliminar e necessária da vida coletiva, justamente porque elas, com as poemas, não só fazem o resgate estético e comunitário da palavra e da linguagem, como também facultam a abertura de novos horizontes, longe do desencarne da experiência presente na fase digitalizada do capitalismo contemporâneo.

Palavras-chave: Poema; Coletiva. Mulheres; Corpo; Comunidade.

Abstract

This paper discusses the recovery of the conjugation between language, body and community in the literary and political experience of three collectives of poets in the outskirts of Fortaleza (*BaRRosas*; *Pretarau: sarau das pretas*; and *Elaspoemas: escritas periféricas*). Based on a participatory research in Cultural Pragmatics (Alencar, 2015), we observe, in their community literary production, the retaliation and, at the same time, the resignification of ways of life guided by the reinauguration of the word, by the possibility of “putting oneself in a collective”, by providing the word to marginalized, violated, silenced social bodies. Starting from the category “poem-body-community” (Cabnal, 2010) and the creative synthesis “woman: poem-body-community” of community feminism (Paredes, 2010), we saw, in the experience of collectives, the antidote to rediscover the common(itarian) feeling as a preliminary and necessary condition of collective life, precisely because they, with poems, not only carry out the aesthetic and community rescue of the word and language, but also facilitate the opening of new horizons, far from the disembodiment of the experience present in the digitalized phase of contemporary capitalism.

Keywords: Poem; Collective; Women; Body; Community.

Introdução: buscando vestígios para novos cursos de ação

Em outra ocasião, tivemos a oportunidade de levantar questões que se inseriam no bojo das relações ontoepistemológicas entre a ciência linguística no século XX e o surgimento e desenvolvimento de uma ciência geral, a Cibernética, pautada pela centralidade das noções de informação, comunicação, retroação e entropia (cf. Gomes; Silva, 2024). Nessa discussão, em que seguimos de perto a compreensão de Lafontaine (2007) a respeito daquilo que está em jogo nessas relações, a saber, uma lógica de dessubjetivação e uma redução ontológica e universal do mundo, deparamo-nos com um dos problemas que mais se destacam quando se trata de falar das implicações das novas formas de exploração capitalista, baseadas na expansão da digitalização de aspectos da vida e da maquinação dos agenciamentos coletivos: o da apropriação da vida coletiva em prol da exploração advinda das tecnologias de informação via palavra. Com isso, constatamos como uma tarefa urgente repensar ou mesmo engendrar novos cursos de ação que levem a futuros menos desérticos, de afetos, do sentimento de coletividade e de sentido, por ocasião do, digamos, *sequestro da palavra* pelas máquinas tecnopolíticas dos conglomerados tecnológicos ocidentais.

Em outro momento também, dessa vez dialogando com Yuk Hui (2020), consideramos a globalização tecnológica como uma forma engenhosa de colonização cuja racionalidade se coloca na base da instrumentalidade dos sujeitos, dos corpos, da cognição, da atenção, dos afetos, para a qual devemos fazer insurgir uma “proposta epistêmica que suscite a existência, permanência, resistência de formas de vida locais, desaceleradas, substancializadas” (cf. Gomes, 2022). Compreendemos com isso que é necessário transformar não só a tecnologia, mas toda a dimensão cosmopolítica capitalista global em que está embutida, resistindo à produção sincrônica de universalidades que, a cavaleiro, lhe segue e nos subordina. Nesse caso, a palavra, novamente, está no centro dessa resistência.

Com isso, vimos que, na fase digitalizada da economia capitalista, a abstração das formas de exploração tem sido feita com o auxílio dos meios digitais que acabam por acrescentar nova camada ao *modus operandi* capitalista: a interoperatividade entre máquinas informacionais, de modo que “a informação substitui as coisas, e o corpo é excluído do campo da comunicação” (Berardi, 2020: 81-82). É nesse sentido que a fase de digitalização e financeirização do capitalismo circunscreve a linguagem e a produção de subjetividade num processo contínuo de subsunção à lógica de maximização do lucro

gerada no contexto da “inflação semiótica” com sua consequente “deflação semântica” (id.; ibid.).

Atrelado ao desenvolvimento crescente da tecnologia e ao seu entranhamento ciborgue na organicidade do humano, o semiocapitalismo, como alcunha Berardi (ibid.), tem levado a sociedade a padrões regulares e automatizados de ser e agir, por meio da multiplicação de *padrões simbólicos e linguísticos* que estruturam as subjetividades e sua agência, de modo que se *simplificam*, se *automatizam* e se deixam *controlar* no e pelo círculo da produção de capital e pela desreferencialização da linguagem. Como diz Berardi (2020: 25): “A financeirização e a virtualização da comunicação humana estão evidentemente interligadas: graças à digitalização das trocas, as finanças se transformaram em um vírus social que se espalha por toda parte e que transforma coisas em símbolos”. Assim, podemos dizer que o problema do semiocapitalismo tem a ver com o efeito de desterritorialização que separou não apenas o dinheiro das mercadorias, mas sobretudo as palavras dos referentes corporais e comunitários, o que tem, de um lado, favorecido um processo de desreferencialização da linguagem e, de outro, instalado um projeto ainda mais pernicioso, que se vincula à ascensão e à penetração contínuas da racionalidade neoliberal por meio da governança tecnolinguística.

Isso porque a *governança de si*, palavra-chave no processo de financeirização e neoliberalização do mundo, estabelece aos sujeitos uma profunda acomodação em comportamentos linguísticos e sociais compartilhados, naquilo a que chamaremos de *automação tecnolinguística*³, como parte de um processo outro, o de dessensorialização da linguagem e de sequestro da palavra.

Neste sentido, como demonstração de resistência a esse cenário complexo, com a crescente mobilização dos sujeitos inseridos em sociedades capitalistas a partir de seu capital cognitivo, por meio de economia da atenção e do consumo, assim como da exploração e dessensorialização da palavra, do sentido, dos afetos e dos corpos, é que pensamos, neste artigo, discutir, a partir de uma pesquisa-participante com três coletivas de poetas na periferia de Fortaleza (*BaRRosas*; *Pretarau: sarau das pretas*; e *Elaspoemas*:

³ Como parte de uma dinâmica mais ampla do capitalismo contemporâneo, a automação tecnolinguística, termo emprestado de Franco Berardi (2019, 2020), refere-se ao uso de tecnologias digitais na automatização de processos de comunicação e linguagem. Ao discutir como a digitalização e a automação impactam não apenas o trabalho e a produção econômica, mas também as relações sociais e culturais, Berardi critica a forma como a automação pode desumanizar as interações e transformar a linguagem em um mero conjunto de dados, perdendo seu significado emocional e contextual. A linguagem, assim, tende a se dessensorializar, mecanizada, utilizada, desumanizada, o que resulta na perda da riqueza sensorial e afetiva que a linguagem pode ter nas interações humanas.

escritas periféricas), o resgate da conjugação entre linguagem, corpo e comunidade, enquanto *poesis* coletiva.

Diríamos que, nesse resgate, há um trabalho de resistência com a palavra que pode significar não só um exemplo patente de insurgência contra a precarização e marginalização violentas de formas de vida nas periferias das grandes cidades, mas também um manifesto contra os processos de exploração e colonização em curso pela cosmopolítica das máquinas tecnológicas. Para usar uma expressão de Deleuze (2008: 217), as coletivas poéticas se transmutam como experiência de um “vacúolo de não comunicação” fora de contextos digitais, operando “desvios de fala” à plataformização da vida e exploração cognitiva do capitalismo digital. Isto porque, se a desconexão linguagem-corpo pautada pela tecnologização da vida é fator responsável pela perda do sentimento de comunidade, de coletividade, com as coletivas de poetas da periferia enxergamos a subversão e, ao mesmo tempo, a ressignificação de formas de vida pautadas pela reinauguração da palavra, pela possibilidade de “se pôr em coletivo”, ao facultar a palavra a corpos sociais marginalizados, violentados, silenciados das pessoas da periferia de Fortaleza.

Coletivas de poetas periféricas: a tecnopoética⁴ do sarau

A abordagem inicial com as poetas periféricas, com as coletivas de poetas, deu-se pela Coletiva Cultural Cenopoética Viva a Palavra!⁵, formada por ativistas da

⁴ A exemplo do termo automatismo tecnolinguístico, propomos aqui a ideia de uma *tecnopoética* do sarau no sentido de uma relação da linguagem com o mundo menos instrumental e mais poética, criadora e libertadora. Diferentemente da técnica no termo “[automatismo] tecnolinguístico”, que apela a um sentido de disponibilidade do mundo ao homem, ao fazer do homem, à exploração do homem, a tecnopoética do sarau se liga a uma relação de produtividade da linguagem com o mundo, mas não na acepção de um mundo enquanto produto, e sim de um mundo enquanto produção de linguagem. Seguimos, assim, a mesma esteira da discussão de Martin Heidegger (2012: 17) sobre a técnica, quando propõe o resgate de um sentido para técnica ligado à *poiesis*, como fazer, como criação, um processo de produção que envolve não apenas a criação de algo, mas também uma revelação do ser. Enquanto a técnica no sentido instrumental (automatismo tecnolinguístico) tende a reduzir tudo a recursos disponíveis e manipuláveis, a *poiesis* da tecnopoética do sarau é entendida como uma atividade criativa que respeita e se relaciona com o campo de sua enunciação e potencialidade do ser-aí no mundo.

⁵ A coletiva nasce com o programa de extensão “Viva a Palavra: circuitos de linguagem, paz e resistência da juventude negra da periferia de Fortaleza”, da Universidade Estadual do Ceará. O programa trabalha com o fortalecimento de práticas de letramento crítico da juventude que reside nas comunidades do entorno do Campus do Itaperi e do Campus de Fátima da Universidade. Ao compreender que tais práticas de letramento, realizadas através de diversos jogos de linguagem (cirandas de leitura, oficina de produção de poesia, oficina de narração, saraus literários, fórum de diálogos entre movimentos sociais etc.), podem contribuir para o desenvolvimento da conscientização crítica, reflexiva e emancipatória na juventude negra, para a promoção da cultura de paz e para valorização da vida do jovem negro na comunidade, o programa realiza três projetos de pesquisa-intervenção elaborados na articulação das dimensões investigativa,

Universidade de Estadual do Ceará e por militantes, artistas de movimentos culturais, sociais, da comunidade da Serrinha, bairro da periferia de Fortaleza, CE. Por meio dessas coletivas, vimos que a arte e a poesia e a literatura são formas de enfrentar a violência contra as juventudes negras e pobres da periferia. Disso surgiu o semear da palavra por meio de vários projetos que hoje tomaram o corpo dessa coletiva, que articula movimentos sociais, coletivos culturais da comunidade de artistas e participantes da universidade e cuja perspectiva de trabalho é o engajamento na luta contra a necropolítica, contra o capitalismo predatório.

Por meio do Viva a Palavra!, decidíramos utilizar como estratégia e metodologia os saraus gramáticas de resistência, como uma tribuna popular, como um microfone aberto (Silva *et al.*, 2023), enquanto forma de reinvenção, de ocupação e de resistência. Realizando saraus na Serrinha, na Praça da Cruz Grande, o Programa se articulou a outros saraus da periferia de Fortaleza: o sarau Okupação!, sarau da Biblioteca da Okupação, no bairro Antônio Bezerra; o sarau da B1, na Praça da Avenida Bulevar 1, nº 121, no Conjunto São Cristóvão; o sarau na Biblioteca Comunitária Livro Livre Curió, no bairro Curió, assim como outros tantos saraus que acontecem na periferia de Fortaleza. Esse movimento realizou vários encontros de saraus e rolezinhos na cidade, e um dos problemas percebidos pelas mulheres participantes era que, mesmo sendo um espaço de emancipação, de luta anticapitalista, os saraus ainda eram predominantemente masculinos.

Como forma de se contraporem à patriarcalização, à colonialidade e ao racismo da sociedade, mesmo em espaços periféricos que eram atravessados também por essas contradições, as mulheres poetisas, movidas por muitas escolhas afetivas (Leones, 2014) e na busca por uma política de dignidade e de cuidados umas com as outras, passam a se organizar, em 2020, ainda durante a pandemia, em coletivos poéticos, ou melhor, em *coletivas*, como elas têm chamado, subvertendo a marcação morfológica das palavras. Essas coletivas se organizam, primeiro, na internet, como uma forma de resistir, de prestar cuidados umas com as outras no período pandêmico, para, em seguida, ganharem corpo nas ruas. Assim, nascem as Coletivas *BaRRosas* e *Pretarau: sarau das retas*, esta surgida

interventora e crítica como princípio que associa a formação das alunas e dos alunos à função social das instituições de ensino superior públicas. Para melhores informações, cf. blog do programa (<https://programavivaapalavra.blogspot.com/p/inicio.html>) e página no *Instagram* (<https://www.instagram.com/vivapalavra/>).

um pouquinho antes da pandemia, por meio das quais se insurgem poemas escritas periféricas⁶.

Nesse sentido, conseguimos compreender boa parte da potência e resistência promovidas pela atuação das coletivas de mulheres na periferia de Fortaleza. Tratava-se mais do que espaço de arte e expressão cultural. Antes, eram lugares de se inscrever na voz, de se apoderar do espaço, de fazer coro na enunciação, como expressa bem Mika Andrade, uma das poetas da coletiva *Pretarau*:

*gritar e expor nossas escolhas
é uma questão de urgência
se apoderar do nosso corpo
erguer a nossa voz
por todas nós
nem uma a menos.*

(Mika Andrade)⁷

Teorizando sobre o seu pensar, fazer, viver poético, Nina Rizzi elege a *poema*⁸ como uma chave para entendermos a literatura na contemporaneidade. Segundo a autora, a poema é “uma arma, uma bomba” (Rizzi, 2020). A poema seria uma “máquina performática”, conceito elaborado por Aguilar e Cámara (2017), por meio do qual propõem uma expansão na concepção sobre o literário, que passa a ser visto como um campo em que se incluem corpos, espaços, vozes, performances. A poema é, pois, a literatura com o corpo todo. É uma forma de resistência à automação tecnolinguística, à dessensorialização da linguagem pela tecnologia, à produção sincrônica de universalidades subjetivas.

⁶ Um das autoras deste texto, coordenadora do Programa Viva a Palavra!, fora convidada a participar dessas coletivas, uma vez que as mulheres poetas participantes, apesar de serem de vários lugares na cidade, eram oriundas do bairro Serrinha, onde está situado o campus do Itaperi, da UECE, e onde o programa era atuante. Então, antes do espaço enunciativo de pesquisadora, fora participante, uma participante-pesquisadora, já que, depois, passou a pesquisar a literatura de autoria feminina feita por essas mulheres dessas coletivas periféricas.

⁷ Mika Andrade em seu livro *Não somos colecionáveis* (Andrade, 2022: 7).

⁸ A escolha pelas palavras “poema”, “poetas” e “coletivas” se dá como registro de inserção e intervenção metapragmáticas de mulheres, poetisas, periféricas, que referenciam, predicam e marcam seu lugar, sua enunciação, sua voz e seu corpo na gramática da língua, nos usos da língua, subvertendo o sexismo normativo desinencial da língua (Pinto, 2019). Assim, no poeta, está contida a poetisa, logo poeta é também a poeta, as poetas. O lugar *poeta* é o espaço enunciativo das mulheres poetas; por isso, a poeta faz sua poema. Em outra ocasião, Alencar (2021a: 617), como membro participante das coletivas culturais aqui em discussão, destacou: “As poetas dos coletivos culturais estudados procuram alterar essa prática linguística sexista não apenas na busca de pronomes neutros para um uso mais igualitário, mas modificando a morfossintaxe das palavras, ao transformar sintagmas considerados masculinos em língua portuguesa, tais como ‘o coletivo cultural’ e ‘o poema’, em sintagmas femininos”.

Nesse sentido, em meio aos movimentos fluídos de nomadismo de artistas que atravessam os bairros periféricos de Fortaleza para participar dos diversos saraus, as mulheres integram ativamente o movimento de saraus e rolezinhos da cidade. Espaços de arte e resistência, os saraus modificam as paisagens urbanas e a infraestrutura social de Fortaleza ao promoverem o acesso à arte, à cultura, ao livro e à literatura⁹ em territórios antes marcados como territórios de violência (Alencar, 2019). No entanto, como Aguiar e Câmara (2017: 20) nos advertem: “enquanto espaços materiais e simbólicos, objetivos e subjetivos, cognoscíveis e inimagináveis, os espaços sempre são um lugar de disputa que possui regimes e dispositivos de visibilidade, dizibilidade e ocupação”. Como já tínhamos analisado anteriormente, muitas poetas que frequentavam os saraus perceberam que ainda havia um número pequeno de mulheres nesses eventos artísticos e sentiam na pele os efeitos das muitas assimetrias provocadas pelo capitalismo colonial, racista e patriarcal (Alencar, 2021a).

A partir da amizade entre as poetas, do apoio mútuo para suas produções literárias, das lutas mais amplas contra diversas formas de exclusão social e violências várias, as coletivas nascem como um espaço em que literário e o político se encontram e se articulam em práticas de amorosidade. Como nos dizem os versos de Mika Andrade (2022), é preciso *erguer a nossa voz/ por todas nós/ nem uma a menos*.

Sobre o surgimento e o propósito das coletivas, resgatamos a descrição do site da própria *Coletiva Pretarau*¹⁰ (2024, online):

A Pretarau – Sarau das Pretas é uma iniciativa inédita e independente de mulheres negras poetas e slammers da cidade de Fortaleza e região metropolitana, que surge no ano de 2019 por meio da necessidade de um espaço voltado para a celebração de nossas poetas, fortalecimento da nossa arte e contribuição para sua divulgação na cena artística brasileira. Elaborado como uma das atividades que compõem o projeto de mapeamento de poetas negras da cidade de Fortaleza, ação realizada recentemente e em curso, também de forma independente, que consiste em ações formativas, rodas de conversas, oficinas e debates para jovens mulheres escritoras, a Pretarau tem como principal valor e missão protagonizar mulheres poetas negras, especialmente as pretas que vivem e resistem na periferia.

Já as Coletivas *BaRRosas* e *Elaspoemas: escritas periféricas* não têm site próprio, mas é possível encontrar uma descrição sobre ambas, tanto nos perfis nas redes sociais

⁹ Grande parte dos saraus da cidade de Fortaleza está articulado com uma biblioteca de iniciativa popular dos bairros periféricos. Como exemplo, temos o Sarau Okupação, vinculado à Biblioteca Comunitária Okupação no Bairro Antônio Bezerra, o Sarau Viva a Palavra, vinculado à Biblioteca Viva a Palavra na Serrinha, o Sarau BaRRosas ligado à Biblioteca Viva no Barroso, dentre outros.

¹⁰ Disponível em: <<https://pretarau.wordpress.com/about/>>. Acesso em: 10 ago. 2024.

das coletivas¹¹, quanto no Mapa Cultural do Ceará ou em outros sites. Sobre a *BaRRosas*, citamos a apresentação¹²:

A coletiva é composta, atualmente, por onze (11) mulheres, artistas independentes diversas, que buscam se fortalecer e resistir coletivamente, na e pela arte. A *baRRósas* tem como objetivo principal trazer visibilidade para a(s) literatura(s) e demais práticas artísticas realizadas por mulheres. Assim, busca, em suas ações, o enfrentamento de problemáticas estruturais, como o machismo, o racismo, a transfobia, entre outras; que também acabam por agregar maiores dificuldades no que diz respeito ao processo de publicação, divulgação e sobrevivência de mulheres artistas. Principalmente, para as que produzem uma arte que também parte de um lugar social marginalizado, ou seja, a arte de mulheres que residem em bairros considerados periferias da cidade (Fortaleza - CE).

Essa descrição encontra-se na página de financiamento coletivo, publicada durante o lançamento do primeiro livro da Coletiva, *Barrosas: memória e poesia*, de 2021. Sobre a *ElasPoemas*, segue a descrição retirada do Mapa Cultural do Ceará¹³:

Elaspoemas: escritas periféricas é uma coletiva de mulheres que se afirmam como poetisas e que se movem para fortalecer a potente arte das palavras das mulheres, por meio dos cuidados e das práticas culturais colaborativas, unindo umas às outras na luta por nosso direito de existência e dignidade. Queremos incentivar as mulheres da periferia a ler e escrever poesia e outros gêneros literários e a colocar a sua arte para o mundo! Também refletir sobre o papel das mulheres nos saraus, na literatura periférica, na cena artística da periferia, discutindo as questões de gênero, de raça e de classe social. (...) Primeiro o estar juntas seria mais para agregar, somar, fortalecer as mulheres em torno da arte da palavra e dar visibilidade a essa arte! E pensarmos em conseguir financiamento, por meio de editais ou práticas de economia solidária para essa coletiva de mulheres se tornar autossustentável.

Percebe-se que as três Coletivas alinham objetivos na luta específica para fortalecer a produção literária e artística das mulheres da periferia: a) protagonizar mulheres poetisas negras, especialmente as pretas que vivem e resistem na periferia (*Pretarau*); b) fortalecer e resistir coletivamente (essas mulheres), na e pela arte (*BaRRosas*); c) fortalecer a potente arte das palavras das mulheres, por meio dos cuidados e das práticas culturais colaborativas (*Elaspoemas*). Mas também incluem em suas pautas lutas mais amplas, como lemos nos trechos “(valorizar o território) em que vivem e

¹¹ Sobre a Coletiva *BaRRosas*, é possível acessar algumas informações em uma campanha de financiamento coletivo, assim como no link com produções da poeta Bruna Sonast: <<https://linktr.ee/brunasonast>>. Acesso em: 10 ago. 2024. Já sobre a Coletiva *Elaspoemas: escritas periféricas*, além de perfil no *Instagram* (@escritasperifericas), há outra plataforma com informações agrupadas a seu respeito, no link: <<https://linklist.bio/elaspoemas>>. Acesso em: 10 ago. 2024.

¹² Disponível em: <<https://www.miradajanela.com/2021/04/barrosas-memoria-e-poesia-financiamento.html>>. Acesso em: 10 ago. 2024.

¹³ Disponível no site: <<https://mapacultural.secult.ce.gov.br/agente/69673/>>. Acesso em: 24 ago. 2024.

resistem na periferia” (*Pretarau*); “buscar, em suas ações, o enfrentamento de problemáticas estruturais, como o machismo, o racismo, a transfobia, entre outras” (*BarRosas*); “unindo umas às outras na luta por nosso direito de existência e dignidade colaborativas” (*Elaspoemas*).

Como pesquisadoras e, ao mesmo tempo, integrantes de Coletiva *Elaspoemas*, utilizamos a pesquisa-participante em Pragmática Cultural (Alencar, 2015) para estudar as práticas literárias das três coletivas de mulheres na periferia de Fortaleza. A Pragmática Cultural procura investigar práticas literárias, artísticas e culturais em uma abordagem que articula uma vivência cartográfica do agir na pesquisa, seguindo o fluxo dos processos e elaborando um plano em comum entre todos os participantes, assim como um procedimento de leitura que se inspira no círculo de cultura freiriano (Freire, 1967, 1987) para considerar a *palavramundo* (Freire, 1982). Denominamos a *palavramundo* como *palavra-semente*, uma vez que, além de indexicalizar o contexto e gerar temas de investigação, como pensada por Paulo Freire, as palavras-semente podem ser consideradas como propositivas de novas formas de vida, geradoras de afetividade e cura (Alencar, 2021a, 2021b). Uma palavra que cria, mais do que comunica; uma técnica.

Benquerença entre escombros: as palavras-semente

*assim prossegue o mistério sob as mãos
da poeta. uma corpa se desprende y caminha entre os
escombros, as letras confusas não negam a revolta y
daqui lhe observo com inteira benquerença.*

(Ma Njanu)¹⁴

Ao cartografar as coletivas e participar de diversas ações e eventos, acompanhando os seus circuitos e os de suas integrantes, desde 2019, em saraus, oficinas, rodas de conversa, círculos de leitura, feira, bienal do livro, ou simplesmente em encontros para conversar sobre nós, nossas vidas, utopias, amores e outros afetos, percebemos que a lexia “corpo” se tornou uma palavra-semente na poesia, nas amizades e nas lutas. Na força poética da idealizadora da Coletiva *Pretarau*, Ma Njanu, essa palavra se desprende e caminha entre escombros. Corpo é a palavra-semente que apresenta mais confluências em saraus, círculos de leitura, eventos e encontros das mulheres, nas poemas, na ocupação dos espaços, na incidência política. “Corpo” conflui os diversos

¹⁴ Ma Njanu no Posfácio da Plaquete *O que acontece com esse corpo?*, de Mika Andrade (2021: 18).

temas e significados na poética dessas mulheres. Nos versos de Bruna Sonast (2020: 11), essa confluência é sintetizada:

*mulher: corpo de
importâncias*

A poeta Sonast nos faz desatar os nós para entender a mulher-poema como esse corpo da literatura que se expande como uma máquina performática. Esse corpo mulher-poema que sofre as marcas das opressões é também matéria, espaço, território de libertação a ser ocupado. E é justo num momento em que assistimos à explosão de dispositivos digitais que captam a atenção, moldam a performance de existir, exploram subjetividades e colonizam o ser, que encontramos na palavra-semente sintetizada por Sonast o resgate da linguagem enquanto reencarne de um corpo – um corpo que é ato, que dá testemunho de um espaço coletivo, das violências contingentes afligidas às mulheres, de uma comunidade que efetiva formas de vida de “importâncias”. Longe da automação da linguagem e da dessubstancialização do corpo operadas pelas maquinações tecnopolíticas da era digital, a poeta de Sonast dialoga com o questionamento de Berardi (2020: 80) sobre o aprendizado da palavra desencarnado de um corpo:

Quando a relação entre significante e significado deixa de ser garantida pela presença do corpo, começa a haver uma perturbação na minha relação afetiva com o mundo. Minha relação com ele se torna funcional, operacional – mais rápida, se preferirem, porém precária. Até o ponto da desconexão entre a linguagem e o corpo.

A palavra-semente da poeta pode ser encarada, de certo modo, como um contraponto à precarização, ao sequestro da linguagem e da palavra, ao silenciamento das dores, dos sofrimentos, das violências cotidianas em regiões periféricas das grandes capitais. Por essa razão, a poeta cria o desvio de fala necessário que permitiria uma resistência às formas existentes de opressão nas periferias das grandes cidades que vivem às margens do capitalismo no Sul Global, tornando-se o espaço de reencarne da palavra, a abertura de uma frente de batalha em que o corpo assume a centralidade do dizer, do ser, do resistir. É o que também veremos com Jéssica Lourença.

Mulher-corpo-comunidade-poema

*Esse teu corpo é festa, é folia,
bandeirinhas empenduradas,
é a bebida comprada com antecedência.
Cuidados e reparos que fazemos por puro zelo e não pensando nos convidados.
Teu corpo adornado com flores e poemas.
Teu corpo inspirado nas festas feitas nas montanhas, nos becos e nas avenidas.
Teu corpo noite fria, aniversário na rua.
Cadeiras de plástico, balão estourado, gente falando alto.
Teu corpo lance de escada iluminado, teu corpo pulseirinha de entrada, teu corpo chão coberto de
serpentina.
Ainda não entendeu por que um corpo representa festa?
Ora, porque um corpo é vida, bagunça, barulho, vela soprada*

(Jéssica Lourença)¹⁵

Jéssica Lourença é uma das criadoras da Coletiva *Elaspoemas: escritas periféricas*. Sua poesia, apresentada no projeto *Periféricas* nas redes sociais da Coletiva, traz o corpo como evento, espaço, tempo; corpo que se expande como território e como vida. A poesia nos faz pensar na categoria “território-corpo-terra”, elaborada pela feminista comunitária maia-xinca guatemalteca, Lorena Cabnal (2010), como forma de pensar o enfrentamento à exploração do território indígena e o extrativismo mineiro pelo capitalismo atual e sua política neoliberal (Barbosa, 2019).

Retomando a nossa reflexão inicial sobre a mulher como um poema, com a sua corporalidade multiplicada em uma máquina performática que tanto expande a literatura para a compreensão dos elementos multissemióticos pertencentes ao jogo de linguagem quanto transcende a delimitação de um texto escrito, pode-se entender a palavra-semente *corpo* como uma síntese criativa. Essa palavra-semente, poemática mais acima pela poeta Bruna Sonast enquanto um “corpo de múltiplas importâncias”, nos permite transmutar a categoria “território-corpo-terra e a de “corpo-comunidade”, proposta pelas organizações de mulheres indígenas na elaboração do feminismo comunitário (Paredes, 2010), para a síntese criativa *mulher: poema-corpo-comunidade*.

Por essa síntese, podemos questionar a dicotomia entre, de um lado, “um corpo da literatura e a história desse corpo”, que por muito tempo foi considerado o elemento acessório do conhecimento e da análise literária; e, de outro lado, a “sua alma”, que seria a sua “realidade íntima e finalidade verdadeira: natureza, significado, alcance artístico e

¹⁵ Esse e outros textos de Jéssica Lourença podem ser consultados no perfil da Coletiva no *Instagram*: *@escritasperifericas*. Disponível em: <<https://www.facebook.com/escritasperifericas/>>. Acesso em: 10 jul. 2024.

humano”, tida como elemento essencial da literatura (Candido, 2005: 13). Com as palavras-semente *mulher: poema-corpo-comunidade*, temos esses elementos integrados, sem hierarquização, uma vez que o ético e o estético se articulam em uma política de afetos que faz da literatura uma práxis.

Por essa perspectiva, podemos perceber como a poética das mulheres das Coletivas está intimamente ligada ao seu território, às suas lutas e às suas comunidades. O espaço político, o espaço literário e o espaço cultural se fundem como o corpo que é tempo, espaço, movimento e vida, sobretudo alegria e afeto: *Teu corpo noite fria, aniversário na rua/Cadeiras de plástico, balão estourado, gente falando alto*. O corpo é tecnologia da palavra, à medida que a palavra também é a técnica de um corpo. Palavra, um ato de corpo; o corpo, um ato para a palavra.

A categoria *poema-corpo-comunidade*, inspirada no feminismo indígena comunitário, permite entender a poesia como corpo político que luta contra a opressão capitalista, neoliberal, colonial, racista e patriarcal, causadora de violências e desigualdades. Essa é a mesma luta do feminismo comunitário que, segundo Julieta Paredes, uma das pensadoras indígena desse movimento, surge na Bolívia em 2003 e é protagonizado por mulheres indígenas e outras organizações de mulheres na América Latina. Para Paredes (2010), a revolução contra o sistema é definida sobre o corpo das mulheres.

Como as feministas comunitárias, as poetisas das coletivas passam a olhar o seu próprio *corpo-poema-comunidade* como, ao mesmo tempo, estético e político. Fazer política desde o nosso corpo é um revide anticolonial e anticapitalista. E, sendo o poema o corpo-mulher que se olha e que vai à luta, reconhecendo os seus direitos, a prática literária passa a ser um revide.

A esse respeito, podemos ler a poeta Láis Eutália, no prefácio da primeira coletânea da coletiva *BaRRosas*:

Uma ruma de mulher se juntar e botar a cara no mundo sem um tostão no bolso é revide nesse mundo bosta. E toda mulher que ajuda a outra no corre da publicação é revolucionária também, num país em que metade das publicações são realizadas por homens (brancos e do eixo sul/sudeste) (Sonast; Teixeira, 2021: 6).

A poeta se refere ao fato constatado em pesquisa pela crítica literária Regina Dalcastagnè (2005) de que quase três quartos dos autores publicados no Brasil são homens. A pesquisa indica ainda quem é esse autor legitimado pelas grandes editoras:

“Os números indicam, com clareza, o perfil do escritor brasileiro. Ele é homem, branco, aproximando-se ou já entrando na meia idade, com diploma superior e morando no eixo Rio-São Paulo” (Dalcastagnè, 2005: 33)¹⁶.

Por publicar mulheres da periferia, totalmente fora do padrão de autores legitimados, utilizando produção independente, artesanal ou outros modos solidários, como o financiamento coletivo, como o fizeram a *BaRRosas* e a *Pretarau*, as práticas literárias das coletivas das poetisas da periferia contestam as práticas excludentes na literatura ou na política, como nos mostra a poeta Sablina Cavalcante, da coletiva *BaRRosas*:

Se reconhecer como escritora, quando se nasce na favela, é difícil. Quando entrei para a *baRRósas*, percebi que esse reconhecimento se torna mais fácil ao lado de quem tem sangue de luta. A coletânea foi minha experiência materializada, estar com textos meus no livro, se isso não for ressignificar a literatura, não seria outra coisa (Sonast; Teixeira, 2021: 6).

Sablina afirma a importância de se estar “ao lado de quem tem sangue na luta”, do mesmo modo como Laís, que exalta a mulher que luta ao lado da outra como revolucionária. De fato, as Coletivas têm se mobilizado para apoiarem-se mutuamente em uma luta por política de dignidade e cuidados a partir da feminização da resistência (Motta, 2013). Essa política de cuidados tem sido feita com muita colaboração e amorosidade por parte das poetisas¹⁷. Apoio com amor, cuidados e suporte emocional e financeiro para a superação de problemas ou para a sustentabilidade por meio da produção, edição e divulgação de livros, bem como a venda e a compra de livros e de outros produtos artísticos têm sido viabilizados pelas poetisas. Em trabalho anterior, consideramos essas vivências colaborativas, solidárias e amorosas entre as poetisas como a busca por uma sociedade matrística. A poeta Ana Malba Queiroz (2023) da Coletiva *Elaspoemas* analisa diversas interações entre as poetisas da coletiva e designa essas interações como *conversas matrísticas*. Sobre essa vivência colaborativa entre as poetisas, a escritora Bruna Sonast descreve o apoio recebido quando da publicação de sua primeira obra, editada de modo independente, com o apoio de um financiamento coletivo:

¹⁶ De acordo com a autora (Dalcastagnè, 2005: 33), “Não é possível dizer se as mulheres escrevem menos ou se têm menos facilidade para publicar nas editoras mais prestigiosas (ou ambos). Há um indício que sugere que a proporção entre escritores homens e mulheres não é exclusividade das maiores editoras”.

¹⁷ Como exemplo disso, podemos citar o apoio da escritora Argentina Castro da Coletiva *Elaspoemas* que se empenhou para que a Coletiva *BaRRosas* conseguisse o apoio da *Mirada*, na edição de seu livro por meio de financiamento coletivo. Argentina fez o prefácio da obra.

[...] "vestígios" foi um processo de uma pessoa que se percebeu cercada de muita gente querida, e de muita gente que acreditava na ousadia que criar um livro era. Uma pessoa que depois se viu cercada de muita gente que leu e, de alguma forma, se viu ali também... mostrando que, bem, até que servia... e como, para mim, os processos só valem realmente a pena se nos impulsionam a ser mais, "vestígios", que me impulsiona a querer escrever mais, e a querer publicar mais, apesar de todas as dificuldades, e de todos os jogos que eu não vou jogar nesse mundo, por vezes, mais que dificultoso da publicação¹⁸.

Como afirma Leone (2014), nas últimas décadas, uma preocupação que acompanha a estética é “a preocupação com o relacional, que se evidencia na centralidade que adquirem as noções de comunidade e amizade e, de forma contundente, a de afetividade” (Leone, 2014: 30). Assim, podemos dizer que, para além das lutas por reconhecimento e emancipação, as coletivas periféricas constituem suas práticas literárias por meio da amorosidade, da solidariedade e da amizade que se contrapõem à individualização e à fragmentação impostas pelo modo de vida da neoliberalização egóica do capitalismo atual. Mais do que isso, pode-se entender que a afetividade que marca a estética da literatura periférica por mulheres é também política, na medida em que ela constitui uma gramática de resistência (Alencar, 2021b).

Por isso, consideramos que as práticas literárias das coletivas trazem o indício de que as vivências de solidariedade, de apoio mútuo, de fortalecimento, de que os “corres” de cada uma das poetas da periferia são um movimento de subversão diante das políticas de morte, de silenciamento das mulheres em nossa sociedade estruturada em torno do lucro, da exploração humana. Na arte do encontro entre as poetas das Coletivas da periferia de Fortaleza, as vivências amorosas nos reequilibram e potencializam a nossa força e habilidade de agir. Como nos mostrou a ética de Spinoza (2007), os afetos de alegria nos conduzem para melhores e maiores formas de ser mais, de agir mais. Pisemos leve por entre as potencialidades da alegria, finalizando nossa conversa com a poema de *Vestígios* (2020) amiga poeta Bruna Sonast:

*(um lençol que te cobre, o mar...)
hoje, a transgressão é saber sorrir*

¹⁸ Transcrição de entrevista concedida ao Podcast da Biblioteca Livre (Conversa com João Lucas sobre “vestígios” e contextos de publicações independentes). Disponível em: <<https://soundcloud.com/joao-lucas-farias-651646178/02-bruna-sonast>>. Acesso em: 24 ago. 2024.

Considerações finais

Este trabalho não apenas buscou reafirmar a existência de mulheres poetas e de sua produção literária, que deve ser pensada a partir do projeto político-literário dos coletivos poéticos a que se vinculam, mas sobretudo quis lançar um convite ao olhar para a literatura da periferia a partir, enquanto “ato de corpo” (Plaza, 2002), de sua corporalidade, em formas de vida que se materializam como práticas literárias e políticas. Pensar o texto literário não como um produto, mas como processo, e pensar a linguagem literária como evento, como prática, são desafios semeados por essas poetas que nos mostram ser o cultivar palavras com poemas o vestígio de uma voz, de um corpo, de uma vida, de uma coletiva, de um território, na medida em que se erige como um “ritornelo” (Guattari, 1988, 2012), como uma forma semiotizada de vida que se territorializa, registra uma vivência, concatena o corpo a um local e a seus sujeitos.

Além disso, o trabalho pretendeu destacar como as Coletivas em cena criam “desvios de fala” (Deleuze, 2008: 217) para longe das grandes estruturas de comunicação que operam na e entre a experiência de agenciamento coletivo atualmente engendrado por meio das tecnologias digitais de comunicação. Em termos de experiência vivida e coletiva e de individuação estética e comunitária, uma vez engolfados nas infraestruturas digitais de comunicação, estamos a perder em nossas possibilidades de identificação a determinação de nossos próprios desejos e subjetividades, sobretudo quando totalmente condicionados pela lógica de desreferencialização e dessensorialização da linguagem e da palavra embutida nessas infraestruturas. Na esteira da compreensão de Bernard Stiegler (2018), vemos, na experiência das Coletivas, o antídoto para escapar à miséria simbólica em que vivemos e para redescobrir o sentimento comum(itário) enquanto condição preliminar e necessária da vida coletiva, justamente porque elas, com as poemas, não só fazem o resgate estético e comunitário da palavra e da linguagem, como também facultam a abertura de novos horizontes, longe do desencarne da experiência presente nas plataformas digitais. São tecnopoéticas, técnicas de criação do mundo.

Se considerarmos, por exemplo, que o que designamos como o poema é um indicial do esquecimento da vida – “esquecimento/vestígio/que fica” (Sonast, 2020: 8) –, isto é, um esquecimento de corpos, das mulheres, de suas vidas e experiências reais em um cotidiano de violências urbanas e de gênero, entendemos a proposta dessas poetas em subverter a forma, adotando o termo “a poema”, como uma palavra-semente da voz e dos corpos, assim como da vida dessas mulheres. A poema, para além do texto literário, são

os afetos, os “corres” pela sobrevivência como artista, como mulher, como pessoa. A poema é o sarau, é o território, é o corpo, é a mulher. A poema, na cenopoética do existir à margem, é a tecnopoética das coletivas em cena.

Referências

AGUILAR, Gonzalo; CÁMARA, Mario. *A máquina performática: a literatura no campo experimental*. Tradução de Gênese Andrade. Rio de Janeiro: Rocco, 2017.

ALENCAR, Claudiana Nogueira. Pragmática Cultural: uma proposta de pesquisa-intervenção nos estudos críticos da linguagem. In: RODRIGUES, Maria Giselda *et al.* (Orgs.). *Discurso: sentidos e ação*. Franca, São Paulo: Universidade de Franca, 2015: 141-162.

_____. “Tudo aqui é poesia”: a pragmática cultural como pesquisa participante com movimentos sociais e coletivos juvenis em territórios de violência urbana. *Interdisciplinar*, São Cristóvão, v. 31: 237-256, 2019.

_____. “A escritura a escrevivência a invenção a poema”: performances e decolonialidades nas gramáticas culturais das poetisas das coletivas periféricas. *Trabalhos em Linguística Aplicada*, Campinas, v. 60, n. 3: 612-625, set./dez., 2021a.

_____. O amor de todo mundo, palavras-sementes para mudar o mundo: gramáticas de resistência e práticas terapêuticas de uso social da linguagem por coletivos culturais da periferia em tempos de crise sanitária. *DELTA: Documentação de Estudos em Linguística Teórica e Aplicada*, São Paulo, v. 37, n. 4: 1-26, 2021b.

ANDRADE, Mika. *Não somos colecionáveis*. Fortaleza: Independente, 2022.

_____. *O que acontece com esse corpo?* Fortaleza: Independente, 2021.

BARBOSA, Lia Pinheiro. Florescer dos feminismos na luta das mulheres indígenas e camponesas da América Latina. *Revista Norus*, 7(11): 197-231, 2019.

BERARDI, Franco. *Depois do futuro*. Trad. Regina Silva. São Paulo: Ubu Editora, 2019.

_____. *Asfixia*. Capitalismo financeiro e a insurreição da linguagem. Trad. Humberto do Amaral. São Paulo: Ubu Editora, 2020.

CABNAL, Lorena. *Feminismos diversos: el feminismo comunitario*. España: ACSUR – Las Segovias, 2010. Disponível em: <<https://porunavidavivible.wordpress.com/wp-content/uploads/2012/09/feminismos-comunitario-lorena-cabnal.pdf>>. Acesso em: 10 ago. 2024.

CANDIDO, Antonio. *Noções de análise histórica-literária*. São Paulo: Associação Editorial Humanitas, 2005.

DALCASTAGNÉ, Regina. A personagem do romance brasileiro contemporâneo: 1990-2004. *Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea*, nº 26. Brasília, julho/dezembro de 2005, pp. 13-71.

DELEUZE, Gilles. Controle e devir. In: DELEUZE, Gilles. *Conversações*. 1972-1990. Tradução de Peter Pál Pelbart. São Paulo: Editora 34, 2008, p. 209-218.

FREIRE, Paulo. *Educação como Prática da Liberdade*. 1. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1967.

_____. *A Importância do Ato de Ler*. Em três artigos que se completam. São Paulo: Cortez Editora, 1982.

_____. *Pedagogia do Oprimido*. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

GOMES, Emanuel Pedro Martins. Decolonialidade epistemológica em tempos de monotecnologização da vida: Uma tarefa ao pensar. *Revista Linguagem em Foco*, Fortaleza, v. 14, n. 2: 163–180, 2022. DOI: 10.46230/2674-8266-14-9441. Disponível em: <<https://revistas.uece.br/index.php/linguagememfoco/article/view/9441>>. Acesso em: 26 ago. 2024.

_____; SILVA, Robson Campanerut da. A ciência linguística nas dinâmicas do capitalismo digital: uma análise sociotécnica da Linguística no desenvolvimento do Projeto Cibernético. *Revista Linguagem em Foco*, Fortaleza, v. 15, n. 3: 26–58, 2024. DOI: 10.46230/2674-8266-15-12639. Disponível em: <<https://revistas.uece.br/index.php/linguagememfoco/article/view/12639>>. Acesso em: 26 ago. 2024.

GUATTARI, Félix. *O inconsciente maquínico: ensaios de esquizo-análise*. Tradução de Lucy Moreira César e Constança Marcondes César. Campinas: Papyrus, 1988.

_____. *Caosmose: um novo paradigma estético*. 2. ed. Tradução de Ana Lúcia de Oliveira e Lúcia Cláudia Leão. São Paulo: Editora 34, 2012.

HEIDEGGER, Martin. *Ensaaios e conferências*. Tra. Emanuel Carneiro Leão, Gilvan Fogel e Márcia Sá Cavalcante Schuback. 8. ed. Petrópolis: Editora Vozes; Bragança Paulista: Editora Universitária São Francisco, 2012.

HUI, Yuk. *Tecnodiversidade*. Trad. Humberto do Amaral. São Paulo: Ubu Editora, 2020.

LAFONTAINE, Céline. *O Império Cibernético*. Das máquinas de pensar ao pensamento máquina. Trad. Pedro Felipe Henriques. Lisboa: Instituto Piaget, 2007.

LEONE, Luciana Di. *Poesias e escolhas afetivas: edição e escrita na poesia contemporânea*. Rio de Janeiro: Rocco, 2014.

MOTTA, Sara C. “We are the ones we have been waiting for”: the feminization of resistance in Venezuela. *Latin American Perspectives*, v. 40, n. 4: 35-54, 2013.

PAREDES, Julieta. *Hilando Fino desde el Feminismo Comunitario*. La Paz: Comunidad Mujeres Creando Comunidad, 2010.

PINTO, Joana Plaza. Performatividade radical: ato de fala ou ato de corpo? *Gênero*, Niterói, v. 3, n. 1: 101-110, 2. sem. 2002.

_____. É só mimimi? Disputas metapragmáticas em espaços públicos online. *Interdisciplinar*, v. 31: 221-236, jan./jun, 2019.

QUEIROZ, Ana Malba Araújo de. *Linguajando na coletiva elas poemas: entre cuidados, poemas e devir na busca de nós*. 128 f. 2023. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada) – Universidade Estadual do Ceará, Centro de Humanidades, Programa de Pós-graduação em Linguística Aplicada Fortaleza, 2023.

RIZZI, Nina. *Sereia no copo d'água*. São Paulo: Edições Jabuticaba, 2017.

_____. A poema, caminho para alcançar a própria voz e tantas outras. *Suplemento Pernambuco*, nov. 2020. Disponível em: <<https://www.suplementopernambuco.com.br/edi%C3%A7%C3%B5es-anteriores/71-ensaio/2579-nina-rizzi-a-poema,-caminho-para-alcan%C3%A7ar-a-pr%C3%B3pria-voz-e-tantas-outras.html>>. Acesso em: 10 dez. 2024.

SILVA, Francisco Rômulo do Nascimento *et al.* Microfone Aberto. *Trabalhos em Linguística Aplicada*, Campinas, SP, v. 62, n. 2: 337–350, 2023. Disponível em: <<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/tla/article/view/8671386/32751>>. Acesso em: 3 nov. 2024.

SONAST, Bruna. *Vestígios*. Fortaleza: Independente, 2020.

_____. *Mal dito coração: poesia*. Capa e ilustrações Jéssica Lourença. 1. ed. Recife: Selo Mirada, 2022.

_____; TEIXEIRA, Fernanda (org.). *BaRRósas: memória e poesia*. 1. ed. Recife: Selo Mirada, 2021.

SPINOZA, Baruch. *Ética*. Tradução Tomaz Tadeu. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

STIEGLER, Bernard. *Da miséria simbólica*. I. A era hiperindustrial. Tradução de Luís Lima. Lisboa: Orfeu Negro, 2018.